

"MEDICINA THEOLOGICA": OUSADAS TERAPÊUTICAS DO DR. FRANCISCO DE MELO FRANCO

Fábio LUCAS

Graças à iniciativa meritória de Cláudio Giordano, que já ofereceu, na coleção "Memória" de sua editora, a tradução do **Livro de Jó** efetuada por José Elói Ottoni, tem-se à disposição do leitor a **Medicina Teológica**, obra atribuída a Francisco de Melo Franco.

Há dois séculos, publicava-se **Medicina Teológica**, causando grande rebuliço. O ano de 1794 lembra outro evento, o da devassa aberta contra os membros da Sociedade Literária do Rio de Janeiro, cuja principal vítima foi Silva Alvarenga. Processo de nítido cunho ideológico: visava a conter a propagação das "idéias francesas".

Francisco de Melo Franco já se havia envolvido com o Tribunal do Santo Ofício em 1779. Os autos de seu processo, assinala Alberto Dines em prefácio à nova edição de **Medicina Teológica**, encontram-se extraviados. O médico e poeta mineiro integrou um grupo de 26 jovens acusados de idéias subsersivas. O iluminismo alastrava-se pela Europa, envolvendo-os também, e, graças especialmente ao Marquês de Pombal, uma espécie de "déspota esclarecido", contribuiu para a modernização de Portugal, travado então pela rigidez da Contra-Reforma.

Que diria a ficha policial do jovem encarcerado? Com todas as reservas que merecem em qualquer época os assentamentos da polícia política, consta de seu prontuário: Herege, naturalista, dogmático, negava o Sacramento do Matrimônio (cf. lista do Auto Público de Fé, que se celebrou na Sala do Santo Ofício, em 26 de agosto de 1781). Envolvido com a Inquisição em 1779, informa-se que o poeta somente logrou bacharelar-se em 1785, quando deveria fazê-lo em 1782.

A **Bibliografia Brasileira do Período Colonial**, de Rubens Borba de Moraes (São Paulo, USP/IEB, 1969) registra as obras de Francisco de Melo Franco. Entre elas, a que lhe valeu maior notoriedade, o poema herói-cômico **Reino da Estupidez**, que circulou em manuscrito em 1785, anonimamente ou com pseudônimos que comprometeram vários suspeitos (inclusive Antônio Pereira de Souza Caldas, que acabou abraçando a vida eclesiástica).

Afonso Arinos de Melo Franco lembra a hipótese de Pedro Calmon, contrariada por Hélio Viana (e Rubens Borba de Moraes, acrescente-se), segundo a qual **Reino da Estupidez** teria sido escrito em parceria com José Bonifácio (cf. **A Escalada**, Rio, José Olympio, 1968, p. 147).

Vejamos essa **Medicina Teológica**, documento valiosíssimo que possibilita ao leitor estabelecer os liames entre o discurso do autor e a cultura de seu tempo. Há toda uma gama de sinais que poderão alimentar tanto uma investigação historiográfica quanto um estudo antropológico. Afinal, Francisco de Melo Franco propunha uma informação acerca do homem na sua totalidade, corpo e alma.

No seu espírito, **Medicina Teológica** visa a dar conselhos aos confessores no sentido de aplicar aos penitentes tanto sanções morais quanto físicas para a sua salvação espiritual, no caso de pecados da lascívia, da cólera e da bebedice. Para tanto, baseia-se na unidade indissolúvel entre o espírito e a carne. Daí alguns críticos apontarem nele os primórdios da análise psicossomática e até da psicanálise. É longa e metódica a argumentação do médico quanto à reciprocidade dos efeitos da consciência sobre o bem-estar físico e da saúde corporal sobre a paz do espírito.

Nesse ponto, o escritor, já calejado de castigos, adota cerrada e piedosa argumentação, sem deixar um momento sequer de exercer a apologia da Igreja e de seu magistério sobre as almas. Seu estilo labiríntico de certa forma oculta ou dissimula opiniões heréticas.

Alarga o conceito de médico para alcançar o exercício da confissão entre as tarefas da cura. Para ele, no Sacramento da Penitência, incluem-se os misteres de pai, de juiz, de doutor e de médico. Daí exaltar os confessores à aplicação de penitências físicas e morais, simultaneamente.

Assim, o corpo predisposto à lascívia, à cólera e à bebedice deve ser submetido a corretivos físicos, a fim de escapar às atrações pecaminosas. Não se trata apenas, a seu ver, de buscar emenda e punição "no pensar da alma", como queriam alguns teólogos, adeptos de orações, jejuns e disciplinas para subtrair a alma às tentações do demônio, do mundo e da carne. É que esses "senhores médicos do espírito" olham o corpo "como um escravo rebelde e merecedor somente de ser dilacerado com tormentos". Contudo, assinala o poeta, o corpo às vezes em nada participa dos segredos da alma, "que é sua rainha e senhora". Daí a necessidade de o confessor ser médico do espírito e do corpo.

"Como é possível que haja teólogo sem ser médico!? São Paulo quer que subamos do conhecimento das obras visíveis de Deus às suas aparições invisíveis" (op. cita. p. 20).

São curiosas as noções do funcionamento físico do pecado. Baseado na ciência da época, Francisco de Melo Franco alega a união do corpo e da alma mediante o "suco etéreo" que percorre o sistema nervoso, condutor simultâneo do movimento e do sentimento, de acordo com doutrina coroada da Academia de Paris. O confessor deveria estar informado sobre as conquistas da medicina...

Passa, então, a explicar a fisiologia das paixões, inclusive do amor, tese que curiosamente haveria de estar em voga na mente dos adeptos do naturalismo de Zola. Em postura alarmista, coloca a satirias e o furor uterino no mesmo plano da hipocondria, do histerismo, da lepra e da tísica, doenças contagiosas que levam à morte, a seu ver. E pondera: o amor é enfermidade que pode desdobrar-se na loucura. Condena ferozmente a erotomania, mesmo no casamento regular, já que os "excessos venéreos" conduzem à morte.

Acaba receitando incontáveis rêslices de antiafrodisíacos para acalmar os fervores amorosos de homens e mulheres. Indica, igualmente, sedativos da cólera. Só não atina para o melhor remédio para a bebedice, embora forneça emulsões apropriadas para tornar repugnante o abuso da bebida alcoólica: "a bebedice é uma grande enfermidade que nunca se cura com remédios morais e dificilmente com os físicos", reza o título do cap. XX.

Para as situações pecaminosas, receita uma "dialética sagrada" extraída das Escrituras, sempre buscando a saúde do corpo para alcançar

a da alma. Curioso é que, para a perfeita sanidade física, aconselha constante vida alegre, obtida graças a cantar-se os salmos, orar mental e vocalmente e ao uso moderado do açafraão e do aipo. A fim de se conseguir a paz, recomenda a confissão como o melhor remédio. Nesse ponto, insinua uma terapia por meio do discurso confessional. A seguir, recomenda ar puro aos penitentes e moderação na comida, baseada em pão, erva e legumes, "comida dos santos". No campo das bebidas, preceitua o consumo da água, "remédio universal para todas as enfermidades" (op. cit., p. 142). Por fim, aconselha a moderação no sono, a vigília e atividade física: pintar, ler, bordar, etc. nada de ociosidade.

O final da Medicina Teológica vem a ser o elogio da confissão: "descobriu-se uma medicina que, mudando os nossos ditos maus hábitos, nos faz possuir no corpo e na alma uma saúde perfeita" (op. cit., p. 153).

Vale a pena conhecer os meandros do pensamento controvertido pensador Francisco de Melo Franco, desfrutando da sua exótica Medicina Teológica.

No "Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira" (vol. III, nº 4, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, out-nov. 1962), Adelino de Almeida Calado agrega curiosas informações acerca da **Medicina Teológica ou Súplica Humilde, Feita a todos os Senhores Confessores, e Diretores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na emenda dos pecados, principalmente da Lascívia, Cólera e Bebedice.**

É que informa haver localizado na Biblioteca Municipal de Elvas um "modesto livrinho cujos elementos bibliográficos essenciais vinham indicados na segunda folha: **Juízo crítico que sobre a Medicina Teológica mandou fazer o Exmo. Rmo. Bispo de Coimbra por Fr. Joaquim de Jesus, religioso agostinho descalço, doutor na Faculdade de Teologia e Reitor do Colégio S. Rita de Coimbra em fevereiro de 1795**". Trata-se de um volume com 38 folhas de papel almaço, nada constando acerca da origem do manuscrito.

Todavia, é vivamente importante para a análise da obra de Francisco de Melo Franco, pois colhe o clima de opinião da época. A **Medicina Teológica** corria como obra anônima naquela época. Foi publicada a 20 de novembro de 1794.

Assim, o **Juízo Crítico** de Fr. Joaquim de Jesus terá sido feito após três meses da impressão da obra nas oficinas de Antônio Rodrigues Galhardo, impressor da Sereníssima Casa do Infantado, com a devida autorização da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e a Censura dos Livros, rubricada por dois elementos da referida Mesa.

Da leitura do **Juízo Crítico** extrai-se que a **Medicina Teológica** constituiu êxito imediato de venda, dividindo instantaneamente a opinião. Parte desta achou a obra materialista e indiscreta. A primeira edição esgotou-se numa semana. Parece que a autoridade real se movimentou no sentido de recolher os volumes ainda não adquiridos. Vendidos de início a 400 reis o exemplar, passaram custar 6.400 a cópia. O Governo foi mais longe: a 17 de dezembro seguinte, a Real Mesa da Comissão era extinta e dissolvida com ásperas censuras aos componentes.

A polícia se pôs a campo, a fim de descobrir o nome do autor da obra que causaria tanta fermentação nos espíritos. Encarregou-se disso, sem êxito, o feroz intendente geral Diogo Ignácio de Pina Manique.

Na concepção desse beleguim, a autorização da Real Mesa fora concedida por dois indivíduos suspeitos, os deputados Antônio Pereira de Figueiredo e João Guilherme Muller, "conhecidos por muita gente por sediciosos e perigosos; e do último em outras diversas passagens tenho informado a V. Excia. já que o seu espírito é republicano" (cf. Carta ao Marquês de Ponte de Lima, de 17 de dezembro).

Também Fr. Joaquim de Jesus, cujo nome civil era Joaquim Pereira Alves de Carvalho, ignorava a autoria da **Medicina Teológica**. Realizou o seu trabalho em oito dias, a pedido do bispo de Coimbra. leu a obra, resumiu-a e indicou-lhe 44 passos que, a seu ver, não tinham fundamento científico .

Sabe-se que, dois anos depois, o trabalho mereceria nova crítica, desta vez pelo franciscano arrábido Fr. Manuel de Santa Anna, que publicou, em dois tomos, **Dissertações teológicas medicinais dirigidas à instrução dos Penitentes, que no Sacramento da Penitência, sinceramente procura a sua santificação, para que se não contaminem com os abomináveis erros de hum livro intitulado: Medicina Teológica, ou Súplica a todos os Senhores Confessores, Directores, etc., cujos erros refuta nesta Obra com a verdadeira doutrina dos Padres, Escritura, e Sagrados Concílios** Fr. Manoel de Santa Anna, da

Província de Santa Maria da Arrabida, Lisboa, na Régia Officina Typographina, 1799.

De que Fr. Joaquim de Jesus acusava a **Medicina Teológica**? Diz que seu autor "intenta lançar ridículo sobre as idéias teológico-morais" e "confia mais na Medicina que na Moral para o reforma do gênero humano". E acrescenta, jogando mais lenha à fogueira: "Se Mr. Voltaire intentasse falar na matéria não estranharia aquele estilo na sua boca". Vê-se: as idéias iluministas ferviam as cabeças naquele fim de século.

Fr. Joaquim de Jesus preocupa-se com "os socorros morais" necessários à cura do pecado da lascívia, contestando os dizeres do autor **Medicina Teológica**, que diz serem "os exercícios corporais mais convenientes do que disciplinas e rosários com que os Senhores Confessores costumam castigar os pecados da Lascívia".

Enfim, Fr. Joaquim de Jesus não acredita nos remédios físicos para o controle dos nervos e dos desejos. Não admite que os confessores necessitassem, antes de tudo, do "conhecimento preliminar do jogo dos nervos". Contesta o conceito de paixões como modificações corporais e descarta os "formulários farmacêuticos" para amenizá-las. Irrrompe-se contra o risco de se considerarem os remédios morais muito frouxos e frios, em comparação com os físicos. Recheia o seu parecer com referências eruditas, provindas da Teologia e dos conhecimentos da História Universal. Cita desde Sócrates, Platão, Aristóteles e Xenofonte, até Montesquieu, Rousseau, Voltaire, Hume e Helvécio. E invoca o Concílio de Trento para preservar a "pública penitência", lembrando os santos que abraçaram remédios para curar os vícios. Contesta ser o amor uma enfermidade. E mostra que, sendo a cólera um mal antes do corpo do que do espírito, não seria pecado. O homem pode deixar o antigo hábito da ira e tornar-se filantropo por meio de reflexões continuadas. Enfim, os vícios da alma se curam com a Graça e não com a Medicina.

Notam-se no **Juízo Crítico** reminiscências do estilo barroco. Como quer que seja, atesta o impacto da **Medicina Teológica** e procura desvalorizar as várias receitas que Francisco de Melo Franco preceitua para livrar o penitente dos males da lascívia, da cólera e da bebedice. Acha-as inibidoras da atividade do corpo.